

Na contramão do pensamento hegemônico: uma análise da obra *Reportagens* de Joe Sacco

Renata de Paula dos Santos¹
Rozinaldo Antonio Miani²

Resumo

Quando se trata de conhecer, compreender e discutir a experiência de produção de jornalismo em quadrinhos, invariavelmente, o nome de Joe Sacco é lembrado; suas obras *Palestina* e *Notas sobre Gaza* são alguns dos clássicos da reportagem em quadrinhos. Em *Reportagens*, Joe Sacco oferece ao leitor uma coletânea de relatos sobre alguns conflitos em vários cantos do mundo com o mesmo rigor do jornalista em cobertura de guerra e, por outro lado, com a sensibilidade do artista gráfico "realista", revelando as histórias de grupos e indivíduos que convivem com os horrores e os absurdos da guerra. Neste sentido, o objetivo desse artigo é apresentar a obra *Reportagens* de Joe Sacco e analisá-la no contexto do jornalismo em quadrinhos no gênero de reportagem, bem como, por meio de uma análise dialética, demonstrar como a referida obra contribui para a consolidação deste gênero abordando os acontecimentos de forma diferenciada se comparada à reportagem jornalística de natureza essencialmente verbal.

Palavras-chave: Jornalismo em quadrinhos. Reportagens. Joe Sacco.

¹ Graduada em Comunicação Social / habilitação em Jornalismo. Mestre em Comunicação pela UEL. Doutoranda em Comunicação pela Unesp/Campus Bauru. ORCID: 0000-0002-5012-6168. E-mail: renata.p.santos@unesp.br.

² Graduado em Comunicação Social / habilitação em Jornalismo. Graduado em História. Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Doutor em História pela Unesp/Campus Assis. Pós-doutor pela ECA-USP (bolsista Fundação Araucária). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR). Coordenador do Programa de Mestrado em Comunicação da UEL. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Comunicação Popular (NCP/CNPq). ORCID: 0000-0003-0014-316X. E-mail: rmiani@uel.br

Going against the hegemonic thinking: an analysis of the comics Journalism by Joe Sacco

Abstract

When it comes to knowing, understanding and discussing the experience of producing comics journalism, the name of Joe Sacco is invariably remembered; his works Palestine and Notes on Gaza are some of the classics of comic reporting. In Journalism, Joe Sacco offers the reader a collection of reports on some conflicts in various corners of the world with the same rigor as the journalist covering war and, on the other hand, with the sensitivity of the “realistic” graphic artist, revealing the stories of groups and individuals who live with the horrors and absurdities of war. In this sense, the objective of this article is to present the work Journalism by Joe Sacco and to analyze it in the context of comics journalism in the genre of reporting, as well as, through a dialectical analysis, to demonstrate how the referred work contributes to the consolidation of this gender approaching events differently compared to journalistic reporting of an essentially verbal nature.

Keywords: Comics journalism. Journalism. Joe Sacco.

Introdução

As transformações tecnológicas e as inovações no âmbito das práticas jornalísticas são processos permanentes que resultam, gradativamente, na emergência e no desenvolvimento de novas linguagens do jornalismo. Ao surgirem novos gêneros ou novos formatos, a grande maioria dialoga de modo bastante amistoso com as tradições jornalísticas em vigência, pois são assimilados como avanços “naturais” e necessários para a atualização e “modernização” das práticas jornalísticas. Outros, porém, causam alguns estranhamentos e sua assimilação e aceitação dependem de uma ruptura em relação a uma mentalidade conservadora e às vezes até preconceituosa.

Quando surgiram as primeiras obras de histórias em quadrinhos (HQs) reivindicando o seu valor como produção jornalística esse estranhamento foi inevitável, principalmente, em razão de as histórias em quadrinhos terem sido alvo de inúmeros preconceitos até há poucas décadas (CIRNE, 2005), tendo sido, inclusive, “desprezados, ridicularizados, ‘abandonados’” (CIRNE, 1982, p. 16). Porém, à medida que mais autores

foram produzindo trabalhos jornalísticos em quadrinhos e, inclusive, recebendo premiações e reconhecimento público ³, a aceitação foi se tornando inevitável.

Enquanto o jornalismo estabelece uma aproximação e uma interpretação da realidade sócio-histórica valendo-se, predominantemente, da linguagem verbal a partir de um estatuto técnico e de uma deontologia para a prática jornalística, as histórias em quadrinhos, por meio de recursos verbo-visuais e da ludicidade, potencializam um vínculo mais sensorial e imaginativo em relação a uma determinada realidade (concreta ou ficcional). A particular relação e articulação das histórias em quadrinhos com o jornalismo encontrou na obra de Joe Sacco o seu ponto de maior convergência.

Além disso, a obra de Joe Sacco tem sido a principal referência utilizada pelos estudiosos para compreender o jornalismo em quadrinhos e, de modo ainda mais específico, a reportagem em quadrinhos. Segundo Juscelino Neco de Souza Júnior (2010, p. 62), “dentre os gêneros do jornalismo em quadrinhos, a reportagem se impõe como uma forma de expressão mais vinculada ao desenvolvimento de uma narrativa tradicional, baseada na linearidade e na cronologia” e é disso que se tratam, fundamentalmente, as histórias narradas por Sacco na obra *Reportagens*.

Com relação à assimilação e aceitação inicial da obra de Joe Sacco como reportagem em quadrinhos, Souza Júnior afirma:

A aceitação de **Palestina** por parte da crítica especializada e do grande público foi bastante positiva. Frente à consistência do trabalho jornalístico e da abordagem eficiente feita pelo autor, os leitores consideraram que realmente se tratava de uma reportagem em quadrinhos. (SOUZA JÚNIOR, 2010, p. 22-24)

Como condição para essa aceitação, e posterior consolidação da reportagem em quadrinhos, Moacy Cirne (2005, p. 61) afirma que “é preciso aceitar suas limitações formais, não no campo do quadrinho, mas no campo do jornalismo, embora, neste particular, dependendo do Autor, a questão conteudística em si não seja afetada”.

As bases conceituais para definir as características, bem como a abrangência e os limites da reportagem em quadrinhos - compreendido como um novo formato no âmbito

³ Destaques para as obras vencedoras do prêmio Pulitzer, quais sejam: *Maus*, de Art Spiegelman, a primeira *graphic novel* a ganhar um prêmio Pulitzer, em 1992, numa categoria especial em Literatura; e a série *Welcome to the New World*, publicada pelo jornal *New York Times* em 2017, que foi premiada em 2018 na categoria de charges e tiras.

do gênero da reportagem jornalística (SOUZA JÚNIOR, 2010) - têm se ampliado e se diversificado a cada nova obra lançada pelo jornalista-quadrinista Joe Sacco. Nesse sentido, a obra *Reportagens* (2016) apresenta suas particularidades no contexto da obra de Sacco e também nos oferece importantes singularidades em relação à compreensão da amplitude das diversificadas experiências de reportagem em quadrinhos.

Sendo assim, temos como objetivo para este artigo apresentar a obra *Reportagens* de Joe Sacco e analisá-la no contexto jornalístico como reportagem em quadrinhos, bem como, por meio de uma análise dialética, demonstrar como a referida obra contribui para a consolidação deste gênero abordando os acontecimentos de forma diferenciada se comparada à reportagem jornalística de natureza essencialmente verbal.

Para tanto, faremos inicialmente uma breve apresentação sobre Joe Sacco e sua obra no contexto do jornalismo em quadrinhos e, na sequência, apresentaremos as principais temáticas e características referentes à obra *Reportagens*. Por fim, a partir de uma análise dialética (VIANA, 2016) - que terá como foco principal a análise da totalidade do processo social de produção da referida obra, sem se ater a uma análise técnica ou descritiva - apresentaremos algumas inferências a respeito da singularidade da referida obra e de sua indiscutível condição de reportagem em quadrinhos.

Joe Sacco e o jornalismo em quadrinhos

De antemão, a linguagem jornalística e as histórias em quadrinhos são manifestações comunicativas que apresentam motivações e finalidades distintas. No jornalismo a busca é pela precisão da informação com a consequente socialização para o seu público; por sua vez, as histórias em quadrinhos, por sua natureza lúdica, buscam estimular a imaginação do leitor, seja com propósitos educativos e culturais ou apenas como lazer e entretenimento. Ainda nas aulas introdutórias de um curso superior em Jornalismo, o estudante vai se deparar com a definição de alguns critérios que devem ser observados para a construção de um texto com a finalidade informativa. De acordo com Mauro Wolf (2003, p. 195), o fazer jornalístico deve ser norteado pelos valores que “constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?”. Em contraposição, para a criação de uma narrativa em quadrinhos não é exigido que o autor persiga uma relação de verossimilhança, já que esta

não é uma característica essencial das HQs enquanto modalidade do humor gráfico; grande parte desta produção transita por temas e personagens ficcionais.

Will Eisner (1989) destaca que a arte sequencial é uma linguagem que é compreendida a partir de elementos que integram a experiência visual do público e do criador da narrativa. Segundo o autor:

A história em quadrinhos lida com dois importantes dispositivos de comunicação, palavras e imagens. Decerto, trata-se de uma separação arbitrária. Mas parece válida, já que no moderno mundo da comunicação esses dispositivos são tratados separadamente. Na verdade, eles derivam de uma mesma origem, e no emprego habilidoso de palavras e imagens encontra-se o potencial expressivo do veículo. (EISNER, 1989, p. 13).

Os quadrinhos, na avaliação de Eisner (2005, p. 07), ofereceram ao público, durante décadas, um conteúdo considerado como de baixa qualidade, algo semelhante a “entretenimento descartável e violência gratuita”. No entanto, entre 1965 e 1990, as temáticas escolhidas passaram por uma mudança; os artistas começaram a transpor para os quadros, recordatórios⁴ e balões temas e abordagens considerados mais sérios, como conteúdo literário, autobiografias e questões sociais. Ainda segundo Eisner (2005), este fato pode ser classificado como o processo de amadurecimento das histórias em quadrinhos enquanto meio. A adoção de temas mais sérios, destinados ao público adulto, resultou também na expansão do respectivo mercado editorial.

Quando o assunto é história em quadrinhos, vale ressaltar que existe uma série de temáticas possíveis para a composição das narrativas, transitando desde aspectos ficcionais - como é o caso da saga dos heróis do Universo Marvel, que se transformou em uma franquia transmidiática de sucesso internacional -, até os documentais, como *Maus: a história de um sobrevivente*, de Art Spiegelman⁵. A opção pelos quadrinhos para tratar de temas mais sérios enfrentou, inicialmente, resistência; porém, atualmente, vem se destacando como uma linguagem cada vez mais utilizada pelos artistas. A esse respeito, Eisner afirma:

⁴ Recordatórios são as caixas de textos que acompanham os quadrinhos, utilizado pelo narrador/autor, geralmente, para comentar algo não visível no quadrinho.

⁵ O quadrinista conta a comovente experiência do próprio pai, Vladek Spiegelman, judeu polonês que sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz. A narrativa foi publicada em duas partes, em 1986 e 1991; e como já indicado em nota anterior, em 1992 a obra ganhou o prêmio Pulitzer.

Nesse ambiente [entre 1960 e 1990], as revistas em quadrinhos sofreram com os comentários dos críticos literários, que achavam problemático decidir se os quadrinhos seriam capazes de desenvolver corretamente os chamados "temas sérios". Essa atitude geral afetou de maneira adversa a sua aceitação. Isso resume o desafio enfrentado por escritores e artistas de quadrinhos que buscam um lugar em nossa cultura literária. Até onde os quadrinhos podem ir quando abordam "temas sérios" ainda é um desafio. Felizmente, o grande aumento do número de artistas e escritores que migraram para os quadrinhos serve de testemunho potencial dessa mídia. E tenho convicção de que o conteúdo das histórias será o propulsor do futuro das revistas em quadrinhos. (EISNER, 2005, p. 08).

Joe Sacco está entre os artistas que escolheram a arte sequencial como o meio para a comunicação de temas sérios. Ele se propôs a transitar na intersecção entre as notícias e a narrativa gráfica, tornando-se o precursor e um dos principais representantes do jornalismo em quadrinhos. Em uma entrevista concedida em 2014 à revista cultural espanhola *Jot Down Cultural Magazine*, Sacco foi questionado sobre o fato de ser apontado como o criador desta nova maneira de informar, ao que apresentou a seguinte resposta:

Em um nível bem básico, quando eu comecei não havia muita gente que fazia jornalismo em quadrinhos, ou mesmo que fazia quadrinhos que pudessem ser considerados sérios; existia, mas não naquela época. É claro que Art Spiegelman, e seu *Maus*, já havia ganhado um Pulitzer, mas ainda era uma coisa de minoria. Quando comecei com *Palestina*, estava respondendo, suponho, um monte de perguntas semelhantes às que Spiegelman havia respondido naquela época, como, "Oh, você está falando sobre o conflito palestino em uma história em quadrinhos, realmente? Portanto, minha resposta era sempre a mesma: 'Veja o que Spiegelman fez com *Maus*'. [...] Mas quando alguém me considera um pioneiro ou um precursor de algo 'novo', bom, é bom ouvir, mas é algo que acabou de acontecer. Houve pessoas que fizeram isso antes de mim. Por exemplo, agora é o Chris Ware, ele está fazendo algo que será muito difícil de ser imitado, ele vai influenciar muito, mas um trabalho como *Fabricating Histories* (Reservoir Books Mondarori, 2014) será um novo marco na história dos quadrinhos. (SACCO *apud* BARROS, 2014).⁶

⁶ A entrevista foi publicada em espanhol. A versão acima é uma tradução livre dos autores. O texto original é o seguinte: "En un nivel muy básico, cuando yo comencé no había muchas personas que hicieran periodismo a través del cómic, ni siquiera que hicieran cómics que pudiesen ser considerados serios, los había habido pero no en aquel momento. Estaba por supuesto Art Spiegelman y su *Maus* que ya había ganado un Pulitzer, pero seguía siendo una cosa minoritaria. Cuando comencé con *Palestina* respondía, supongo, a muchas preguntas semejantes a las que Spiegelman habría tenido que responder en su día, del tipo: 'Oh, estás hablando del conflicto palestino en un cómic, ¿en serio?'. Por eso mi respuesta siempre era la misma: 'Mira lo que Spiegelman hizo con

Nessa mesma entrevista, Joe Sacco destacou que o seu processo de trabalho é semelhante ao realizado pelos demais jornalistas; no entanto, o seu ponto de atenção está mais voltado ao aspecto visual, já que as informações fornecidas pelas fontes deverão se transformar em desenho. O leitor das obras de Sacco também percebe a presença constante do quadrinista como um narrador, retomando aspectos históricos e políticos dos conflitos narrados; os seus trabalhos são o resultado de desdobramentos sociais contemporâneos altamente complexos. "Eu me chamaria de cartunista que faz jornalismo" (SACCO *apud* BARROS, 2014) ⁷ resumiu o jornalista-quadrinista (como Joe Sacco tem se autorreferido). Outro recurso bastante utilizado por Sacco é a fotografia, como uma forma de registrar as informações visuais que, posteriormente, serão transformadas em desenho. Por mais que se perceba diferenças entre o jornalismo tradicional e o jornalismo em quadrinhos, ele destaca que as obrigações profissionais são mantidas:

No desenho, porém, não há nada de literal. O cartunista mistura os elementos a seu bel-prazer e posiciona-os na página de acordo com os seus propósitos. Não existe aquela sorte do fotógrafo que capturou uma imagem no momento certo. O cartunista "captura" seu desenho no momento que quiser. É essa abertura ou licença que torna o cartunismo uma mídia inerentemente subjetiva. Mas isso não põe por terra as pretensões dos cartunistas que aspiram o jornalismo. Ainda valem as obrigações-padrão do jornalista - reportar de maneira precisa, ater-se às falas dos entrevistados, checar afirmações. (SACCO, 2016, p. 03).

Joe Sacco alcançou relevância internacional com *Palestina: Uma Nação Ocupada* (SACCO, 2000), obra lançada originalmente em 1993, mas que chegou ao Brasil apenas em 2000. A narrativa foi premiada no American Book Award, em 1996, e no HQ Mix 2000. Entre os numerosos trabalhos publicados a partir da década de 1990, Sacco também é o autor de *Área de Segurança Gorazde: a guerra na Bósnia Oriental 92-95* (Conrad, 2001), *Palestina na Faixa de Gaza* (Conrad, 2003), *Uma história de Sarajevo* (Conrad, 2005),

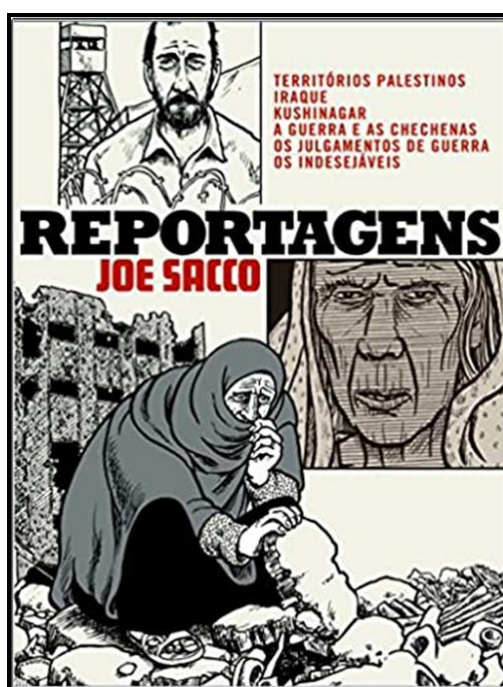
Maus'. [...] Pero cuando alguien me considera pionero o precursor de algo 'nuevo', bueno, es agradable oírlo pero es algo que simplemente pasó. Hubo gente que ya hizo esto antes que yo. Por ejemplo ahora está Chris Ware, él está haciendo algo que será muy difícil de ser imitado, influirá mucho pero una obra como *Fabricar historias* (Reservoir Books Mondadori, 2014) será un nuevo hito en la historia del cómic."

⁷ Tradução livre dos autores. O texto original é: "Yo me llamaría a mí mismo un dibujante que hace periodismo".

Derrotista (Conrad, 2006) e *Notas sobre Gaza* (Quadrinhos na Cia, 2010)⁸. Em 2011, uma década após o atentado que derrubou as torres do World Trade Center, nos Estados Unidos, 19 artistas assinaram *12 de setembro: a América depois* (Galera, 2011). Entre eles estão Plantu, Miles Hyman, Jerome Charyn, Spiegelman e Sacco, autor de uma narrativa futurista que aborda um governo que conduz o país de maneira desenfreada e inconstitucional.

Seguindo sua trajetória, Joe Sacco publica a obra *Reportagens* (Quadrinhos na Cia, 2016) (figura 1) que reúne narrativas produzidas entre 1998 e 2011 e publicadas em veículos como *New York Times Magazine* e *Boston Globe*.

FIGURA 1



Fonte: Joe Sacco. *Reportagens*, Quadrinhos na Cia, 2016.

Nos últimos anos, o jornalista-quadrinista tem se dedicado a produções menos extensas, no entanto, a opção pela temática de guerra permanece. Érico Assis, tradutor da referida obra para a versão em português (a primeira edição do livro em quadrinhos foi publicada em inglês em 2012), define a publicação como um dos trabalhos mais maduros do quadrinista.

⁸ As editoras e os anos de publicação são referentes ao lançamento das obras no Brasil.

Reportagens: as vozes das vítimas e o poder da autorrepresentação

As reportagens em quadrinhos publicadas em *Reportagens* seguem a trajetória de Joe Sacco de utilizar os quadrinhos para registrar, analisar e comentar temas extremamente complexos. Neste momento, o propósito específico é, a partir de algumas temáticas selecionadas da publicação, entender como o debate é conduzido pelo jornalista-quadrinista. Na obra em questão, o leitor vai se deparar com narrativas que avaliam os julgamentos da antiga Iugoslávia no Tribunal Internacional de Justiça; as relações tensas em territórios palestinos; as guerras na região do Cáucaso; a presença das tropas norte-americanas no Iraque; episódios de torturas, além do fluxo migratório, do aumento no número de refugiados e da pobreza na Índia.

Em 2009, durante uma participação na série de conferências TED Ideas Worth Spreading, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie abordou o perigo de uma história única. Durante a conferência ⁹ - que posteriormente foi transformada em livro - a autora destacou, por exemplo, que não existe a mesma condição de representação entre africanos e europeus. Enquanto os colonizadores desta relação narram feitos dos quais são os desbravadores, os colonizados são apresentados como bárbaros e irracionais.

A perspectiva levantada pela autora não considera apenas o enquadramento presente em produtos e processos midiáticos, como as histórias em quadrinhos ou o jornalismo, mas a própria constituição histórica e a ocupação de espaços políticos. Este processo desigual é o responsável pela consolidação de estereótipos e pela fragmentação das experiências culturais. Não parece exagero apontar que a obra de Joe Sacco se apresenta na contramão deste movimento dominante, constituindo em grande parte de sua obra um sentido de “contrapelo”, conforme proposição apresenta por Walter Benjamin em suas teses “Sobre o conceito de História” (BENJAMIN, 1994).

Uma visão maniqueísta da sociedade tende à classificação negativa de grupos sociais historicamente marginalizados, sem que eles possam contar a sua versão da história. Adichie assevera que a difusão de histórias únicas, a partir de um local ou de um povo, se origina em relações de poder:

⁹ A conferência de Chimamanda Adichie está disponível em português em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br.

Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com "em segundo lugar". Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente (ADICHIE, 2009 - informação verbal) ¹⁰.

Ainda a este respeito, Ella Shohat e Robert Stam (2006, p. 270) - analisando produções cinematográficas - avaliam que os povos marginalizados ao longo da história não conquistaram a autonomia de sua própria representação. São sempre apresentados pelo ponto de vista do outro. Este processo de construção de imagens é ainda mais fértil em cenários em que não há um equilíbrio de narrativas, em que persistem as histórias únicas. Na prática, esse comportamento social é o resultado de decisões políticas que é percebido ou reforçado pelo conteúdo enviesado que é produzido nos veículos jornalísticos que compõe a "mídia burguesa" (BRASIL DE FATO, 2019), bem como no entretenimento, em filmes e em séries dos grandes conglomerados midiáticos. Apesar de os referidos autores abordarem estas relações no cinema, este fio condutor pode ser adotado para a análise de outros produtos midiáticos, como o próprio trabalho de Joe Sacco com os quadrinhos.

Historicamente, o quadrinista maltês tem se destacado por dar um novo enquadramento ao jornalismo de guerra. Esta afirmação não tem o objetivo de rotular os quadrinhos de Joe Sacco, imprimindo um caráter depreciativo ou panfletário, mas, tão somente, de considerar que ele apresenta ao público outra perspectiva destes conflitos, por meio de uma narrativa mais integral, função que é reivindicada pelo jornalismo, mas que nem sempre é praticada. Podemos afirmar que a construção discursiva que permeia o trabalho de Sacco não aborda a história a partir da lógica do pensamento hegemônico, mas se aproxima dos chamados estudos decoloniais.

¹⁰ A tradução apresentada acima foi divulgada no site do evento, portanto, não é uma tradução livre dos autores. A afirmação, em idioma original, é a seguinte: "Power is the ability not just to tell the story of another person, but to make it the definitive story of that person. The Palestinian poet Mourid Barghouti writes that if you want to dispossess a people, the simplest way to do it is to tell their story and to start with, "secondly." Start the story with the arrows of the Native Americans, and not with the arrival of the British, and you have an entirely different story. Start the story with the failure of the African state, and not with the colonial creation of the African state, and you have an entirely different story."

Aníbal Quijano (2009) destaca a existência de uma perspectiva padrão de dominação global, na qual o poder se manifesta em diferentes aspectos, entre eles, a partir da "subjectividade e os seus produtos materiais intersubjectivos, incluindo o conhecimento" (QUIJANO, 2009, p. 76). Neste cenário, que é confrontado por Joe Sacco, as relações sociais de dominância entre os países ricos e as nações em desenvolvimento são vistas como naturais e não construídas a partir de uma série de acontecimentos complexos, frequentemente intensificados pela exploração econômica e pela violência física. O jornalista José Arbex Jr. (2000), no prefácio de *Palestina: Uma Nação Ocupada*, destaca como um dos méritos do quadrinista dar visibilidade aos árabes, que sempre ocuparam papéis inferiores em suas próprias narrativas; e esta perspectiva também está presente em outras produções do artista, como em *Reportagens*. Vejamos:

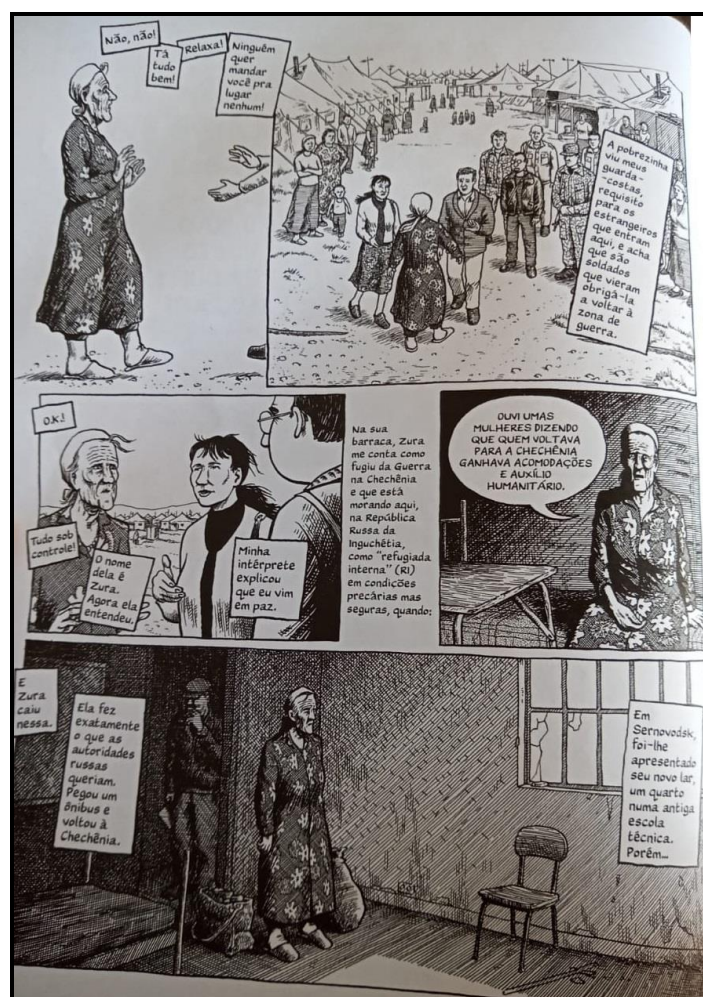
Ora, os árabes palestinos são invisíveis para o Ocidente desde pelo menos o início do século XX. Sacco nota, em seu livro [Palestina: Uma Nação Ocupada], a extrema violência implicada no lema do movimento sionista - uma terra que germinou na Europa no início do século XX. A 'terra sem povo' era a Palestina; o 'povo sem terra', obviamente era o judeu. A premissa era completamente falsa. A Palestina nunca foi uma 'terra sem povo'. Ao contrário, foi ocupada desde pelo menos o século VII por uma imensa maioria de árabes muçulmanos e também por minorias de árabes cristãos e judeus. Isso significava, entre outras coisas, que judeus de origem europeia só poderiam ocupar a Palestina mediante a expulsão de habitantes árabes daquela região. E isso foi feito, como reconhece ninguém menos que o próprio general Moshe Dayan, comandante das tropas israelenses durante a Guerra dos Seis Dias. (ARBEX JR. *apud* SACCO, 2000, p. 10).

Ao tratar do eurocentrismo, Quijano (2009) não classifica o fenômeno como uma perspectiva cognitiva exclusiva dos europeus, mas como o processo de naturalização das experiências que partam deste padrão de poder. Os quadrinhos, enquanto linguagem, não são, essencialmente, formatos contra-hegemônicos, mas esta perspectiva se materializa na abordagem defendida pelo quadrinista. Ao confrontar este padrão de narrativa global, apresentando novos fatos, novos personagens, novas relações de causas e consequências, Joe Sacco contribui para que outros pontos de vistas sejam apresentados. Há, neste aspecto, a consolidação de novas perspectivas historiográficas para as narrativas sociais.

Ainda no que diz respeito a esta abordagem contra-hegemônica, embora não seja o objeto de análise deste artigo, no prefácio de *Palestina na Faixa de Gaza*, Edward Said

afirma que “o que faz de Sacco um narrador tão excepcional da vida nos territórios ocupados da Palestina é que a sua verdadeira preocupação são as vítimas da história.” (SAID *apud* SACCO, 2005). Estas características elencadas por Said podem ser ampliadas às demais narrativas assinadas pelo jornalista-quadrinista. O trabalho do quadrinista aproxima o leitor das consequências destes conflitos contemporâneos; Joe Sacco concede uma identidade às vítimas. Por exemplo, a terceira seção de *Reportagens* é destinada aos conflitos do Cáucaso, região entre a Europa Oriental e a Ásia Ocidental. O jornalista destaca como é o dia a dia de chechenas, chefes de família, que vivem como refugiadas internas (RI) na República Russa da Inguchétia (Figura 2). Sacco conta o drama destas mulheres, as histórias de suas famílias, os nomes de suas vítimas e enumeram as dificuldades que ainda persistem.

FIGURA 2



Fonte: Joe Sacco. Reportagens, Quadrinhos na Cia, 2016, p.36.

O sofrimento, a miséria, a escassez de recursos e o racismo também podem ser percebidos em outras reportagens em quadrinhos desta publicação, como em “Os indesejáveis”, que narra a chegada de imigrantes africanos à Ilha de Malta, e “Kushinagar”, que aborda a situação de miséria dos *dalits* na Índia. A perspectiva adotada por Joe Sacco é, desta forma, oposta à criticada por Shohat e Stam (2006). Ou seja, a avaliação defendida pelos autores deste artigo é que o trabalho do quadrinista não está entre aqueles que contribuem para a consolidação de estereótipos e de distorções representacionais. Sacco, enquanto jornalista que utiliza os quadrinhos como sua linguagem fundamental, se mantém na contramão do discurso que favorece o opressor em detrimento ao oprimido. No prefácio de *Reportagens*, o jornalista-quadrinista destaca:

Fui eu que escolhi as histórias que desejo contar, e nesta seleção devem ficar claras quais são as minhas afinidades. Tenho interesse sobretudo por aqueles que são raramente ouvidos, e não creio que caiba a mim equilibrar as suas vozes com as apologias bem escovadas dos que detêm o poder. Os poderosos geralmente estão muito bem servidos pela mídia massiva ou pelos órgãos de propaganda ideológica. Os poderosos têm que ser citados, é claro, mas para que seus pronunciamentos possam ser avaliados diante da verdade, não para obscurecê-la. Se acredito que o poder faz as pessoas mostrarem o que têm de pior, já observei que aqueles que ficam na ponta da miséria também não são inocentes por completo, e é isso que me empenho em reportar. (SACCO, 2016, p. 06).

A questão identitária também pode ser percebida em *Reportagens*. “Julgamentos de Guerra” é a reportagem em quadrinhos que abre o livro, publicada na revista *Details* em novembro de 1998. O jornalista passou pouco mais de duas semanas em Haia, nos Países Baixos, acompanhando os trabalhos do Tribunal Penal Internacional da antiga Iugoslávia (TPI). A Corte foi criada em 1993 para julgar os crimes que foram cometidos na extinta região desde 1991 e permaneceu em atividade até 2017. O órgão é comparado por especialistas aos tribunais de Nuremberg e de Tóquio, destinados a julgar as atrocidades cometidas por alemães e japoneses, respectivamente, na Segunda Guerra Mundial. O TPI foi criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e condenou os principais responsáveis pela guerra na região dos Balcãs, condenação que veio a ocorrer anos após a reportagem de Sacco.

Na narrativa em cores, o quadrinista acompanha a rotina da Corte durante o julgamento de Milan Kovacevic, ex-diretor de um hospital sérvio-bósnio acusado de genocídio. O médico foi descrito na narrativa como um agente com "papel central na criação dos famosos 'centros de transição', como uma vez os chamou - onde ficaram mulçumanos e croatas depois que os sérvios os expulsaram da região de Prijedor, no início da Guerra na Bósnia." (SACCO, 2016, p. 08). Testemunhas ouvidas pelo Tribunal disseram que o local tinha condições de sobrevivência sub-humanas, agravadas por assassinatos e assédios sexuais. Kovacevic morreu em 1998, de causas naturais, durante o julgamento. Na reportagem em quadrinhos, o quadrinista também contesta que, naquele momento, o líder bósnio-sérvio Radovan Karadzic, o chamado "Carniceiro da Bósnia", e ex-militar e chefe do Exército da República Sérvia, Ratko Mladic não estavam entre os julgados pela Corte ¹¹.

A situação palestina é um tema recorrente na obra de Joe Sacco e está presente em *Reportagens* em três narrativas. Este contexto também pode ser analisado a partir da questão identitária. Woodward (2009) pondera que a afirmação das identidades nacionais é um processo mais complexo e historicamente específico. Além das demarcações simbólicas, a emergência das identidades nacionais está localizada em um ponto mais específico no tempo; elas estabelecem suas reivindicações a partir dos antecedentes históricos. Em "Por Dentro da Cidade Hébron" e "A Guerra Subterrânea em Gaza", Sacco revela como o conflito entre judeus e palestinos se estabelece no dia a dia das pessoas.

Diferentemente do jornalismo tradicional, Joe Sacco, geralmente, está presente em suas reportagens (figura 3). As reportagens em quadrinhos são narradas costumeiramente na primeira pessoa do singular. Sacco também avalia e comenta os fatos ao longo dos quadros.

FIGURA 3

¹¹ Em 2016, Karadzic foi condenado a 40 anos de prisão pelo envolvimento e na guerra que deixou mais de 100 mil mortos. Os crimes contra ele imputados foram genocídio, crimes de guerra e contra a humanidade. Três anos depois, o acusado teve um recurso negado e teve a pena aumentada à prisão perpétua. Mladic também foi condenado à prisão perpétua em 2017.



Fonte: Joe Sacco. *Reportagens*, Quadrinhos na Cia, 2016, p.11.

Em muitos momentos, é possível identificar o próprio jornalista-quadrinista entre os personagens representados; além disso, a partir do uso do recordatório, Sacco revela ao público qual é a sua impressão quanto ao assunto documentado. Ao final das narrativas, o quadrinista apresenta comentários sobre o tema abordado revelando como foram o processo de produção da narrativa, as dificuldades enfrentadas, as negociações com os editores e locais de publicação de cada reportagem e a própria percepção quanto ao resultado final, apontando, até mesmo, críticas ao que foi publicado.

Novas conformações da reportagem em quadrinhos de Joe Sacco

No contexto da obra de Joe Sacco, *Reportagens* apresenta algumas importantes particularidades. A partir de uma análise dialética é possível apontar as principais características do processo social de produção da referida obra, bem como identificar suas singularidades.

De acordo com Nildo Viana (2016), para a aplicação do método dialético na análise das histórias em quadrinhos é necessário considerar três aspectos essenciais: totalidade, historicidade e múltiplas determinações. Apesar de o referido autor tratar as HQs como uma produção essencialmente ficcional, consideramos que é possível aplicar as proposições do método dialético também em produções de reportagem em quadrinhos, justamente por sua condição de produto social e histórico inserido em uma totalidade e dotado de historicidade.

Para Viana (2016), as histórias em quadrinhos são uma forma de arte que expressam a realidade sob forma figurativa. Na obra de Joe Sacco, agrega-se a essa

condição uma função jornalística, como parte de uma totalidade e como uma determinação fundamental para analisar *Reportagens*.

Em *Reportagens*, sua especificidade é tratar de histórias em quadrinhos que se definem como reportagem em quadrinhos, conformando um formato peculiar do gênero reportagem jornalística. No contexto da obra de Joe Sacco, de modo singular, destacamos que se trata de uma coletânea de “reportagens de menor extensão” se comparadas com outros trabalhos publicados pelo autor. É preciso reconhecer, ainda, que há uma totalidade constituída e uma historicidade na referida obra que a insere no contexto de reportagens de guerra, mas que também, dialeticamente, há uma historicidade muito particular derivada de cada um dos acontecimentos históricos e dos respectivos sujeitos singulares retratados, configurando algumas das múltiplas determinações a serem consideradas.

As realidades retratadas em *Reportagens* abrangem elementos do mundo real, ou seja, os episódios históricos propriamente ditos, os seus sujeitos e também as percepções e sentimentos do próprio jornalista-quadrinista e que, utilizando o realismo como procedimento para a construção da narrativa verbo-visual e, explicitamente, valendo-se de sua subjetividade, Joe Sacco busca captar a “verdade essencial, não a literal” (SACCO, 2016, p. 4).

Porém, essas realidades retratadas estão inseridas em realidades mais amplas, como por exemplo, as determinações dos editores em relação ao que deveria ser retratado pelo jornalista-quadrinista; as diferentes visões entre os grupos envolvidos nos conflitos em relação à posição de uma pessoa que tenha tido sua história retratada; e, até mesmo, a complexidade da ordem geopolítica que leva à ocorrência dos conflitos e das guerras. Apontar e compreender tudo isso são procedimentos fundamentais na aplicação do método dialético, pois, segundo Viana (2016, p. 2), é sempre necessário considerar “uma totalidade inserida em uma totalidade mais ampla”.

Além disso, o universo retratado nas reportagens em quadrinhos de Joe Sacco também deve ser considerado como “algo concreto”, na medida em que, segundo Viana (2016, p.11), o universo de uma história em quadrinhos é

[...] “real”, marcado pela historicidade, totalidade, especificidade e resultado de múltiplas determinações. Nesse processo é possível identificar a mensagem que o universo ficcional repassa, tais como valores, representações, concepções, ideologemas, teoremas, processos inconscientes, etc.

Após a delimitação da historicidade e a compreensão da totalidade constitutiva das histórias em quadrinhos e suas múltiplas determinações, a análise dialética exige a delimitação do universo de pesquisa - “que é uma totalidade” - e de seus propósitos. De nossa parte, não tivemos a pretensão de realizar uma análise mais detalhada das unidades significativas e dos procedimentos analíticos (que nos levaria a realizar análises semióticas e/ou discursivas mais específicas das histórias, das sequências de quadros ou de elementos narrativos verbais ou visuais), até porque alguns desses elementos já foram apresentados em item anterior como parte de uma apresentação descritivo-analítica da obra de Joe Sacco. Como propósito, concentramos as atenções na realização de uma análise axiológica a partir do reconhecimento das “predominâncias valorativas”, identificando os valores preponderantes no universo das reportagens em quadrinhos que compõe a obra *Reportagens*.

Segundo Souza Júnior, a partir dos pressupostos da prática jornalística e por meio de uma estrutura narrativa verbo-visual, “a reportagem em quadrinhos pretende ser lida como o registro visual de determinada experiência, e não uma criação livre e/ou humorística levemente baseada na realidade.” (SOUZA JÚNIOR, 2010, p.30). E, nesse sentido, em *Reportagens* verificamos que os fatos e os eventos mostrados, bem como as histórias contadas por meio da estrutura narrativa dos quadrinhos, além de críveis e verossimilhantes, indiscutivelmente, apresentam interesse jornalístico. A respeito da retratação das pessoas feita por Joe Sacco, Souza Júnior (2010, p.60) já destacava:

Sacco desenvolve um estilo próprio de cartunização das personagens que as permite insinuarem as emoções ao invés de exibi-las de maneira realista, já que a percepção visual, conforme citado anteriormente, dotamos da capacidade de identificar facilmente um rosto, por mais que este se apresente num padrão simplificado.

De modo geral, em *Reportagens*, Joe Sacco “recorre a técnicas narrativas documentais, na qual se insere como espectador ativo e concede ao leitor a impressão que toda a narrativa é um grande documentário, ora visto pelo leitor e ora visto pelo jornalista” (DEVITO, 2020, p. 77). Produzindo reportagem em quadrinhos sobre conflitos de guerra, Joe Sacco, além de retratar os horrores de tais guerras e algumas histórias e dramas de pessoas afetadas por estas realidades, o jornalista-quadrinista também procura representar sua própria interação com os entrevistados.

Como “novidades” a serem destacadas em *Reportagens*, Joe Sacco experimenta o uso de cores em algumas de suas histórias, exclusivamente, em duas reportagens publicadas na seção “Territórios Palestinos”. Além disso, sua presença (desenhada) como personagem atuante nas histórias não é tão explorada como em outras obras. Inclusive, disso resulta uma contundente autocrítica em relação a uma das reportagens em quadrinhos; afirma o autor:

Considero “Hebron: por dentro da cidade”, que saiu na revista Time, minha pior matéria no jornalismo em quadrinhos. Não posso culpar o editor sênior, Joshua Cooper Ramo, que apostou no jornalismo em quadrinhos e me apoiou em cada passo. Acho que travei ao trabalhar para um veículo de passado tão ilustre, aí dispensei minha típica abordagem em primeira pessoa e voltei ao jornalismo bê-á-bá, objetivo, que aprendi na faculdade. Por esse motivo, fracassei em representar de forma adequada a grande injustiça que ocorre quando a movimentação livre de dezenas de milhares de palestinos está sujeita aos ditames de poucas centenas de militantes judeus dos assentamentos. (SACCO, 2016, p. 32).

Como se pode constatar, a autocrítica está relacionada à limitação na exploração de elementos subjetivos da realidade retratada, justamente, um dos aspectos mais substantivos da concepção praticada por Joe Sacco em suas reportagens em quadrinhos. Outros aspectos que também são essenciais na obra de Sacco - e que, nesses casos, foram amplamente explorados em *Reportagens* - são a perspectiva histórica e a busca permanente pela fidedignidade na retratação pictórica.

Enfim, evidenciando a primazia da história e da sociedade como totalidades presentes na obra *Reportagens* de Joe Sacco, reconhecendo a consolidação das estratégias narrativas constituidoras da reportagem em quadrinhos e identificando os elementos singulares que determinaram o processo de produção, as temáticas e as abordagens da referida obra, *Reportagens*, certamente, pode reivindicar um lugar de destaque na trajetória de Joe Sacco e na história da reportagem em quadrinhos.

Considerações finais

A obra de Joe Sacco é, inegavelmente, uma das principais referências para tratar de jornalismo em quadrinhos; porém, autores como Art Spiegelman, Guy Delisle, Marjane Satrapi também compõem o universo desse tipo singular de produção cultural. Com a multiplicação de experiências nesse âmbito, a especificação mais precisa das características jornalísticas de cada uma dessas produções foi se mostrando necessária.

Nesse percurso, a obra de Joe Sacco já foi reivindicada como “livro-reportagem em quadrinhos”, inserida no *new journalism* (DUTRA, 2003), e também como “jornalismo literário em quadrinhos” (OLIVEIRA, 2007). Apesar de os respectivos autores apresentarem argumentações pertinentes em defesa de suas perspectivas teóricas, consideramos que as características próprias da obra de Joe Sacco, articuladas e sedimentadas por uma argumentação consistente - dentre outros, por Ana Camilla Negri (2003) e por Souza Júnior (2010) -, convergem para o formato da reportagem em quadrinhos.

Nesse sentido, as diversas obras produzidas por Joe Sacco durante mais de duas décadas, dentre as quais destacamos a obra *Reportagens*, vêm afirmando e consolidando o lugar da reportagem em quadrinhos como um formato do gênero reportagem dotado da mesma legitimidade e credibilidade conferidas à reportagem jornalística convencional de natureza essencialmente verbal. Mais ainda, fazemos nossas as palavras de José Arbex Jr. (2000, p.7) quando o referido autor afirma que “em certos aspectos, sua reportagem em quadrinhos é bem mais eficaz que o tradicional texto jornalístico ou mesmo histórico/acadêmico”, ratificando a vitalidade e a grandeza de Joe Sacco na ordem dos processos de produção jornalística.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma única história. **TED Ideas / Worth Spreading**. 17/11/2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br. Acesso em: 31/03/2021.
- ARBEX JR., José. Prefácio. In: SACCO, Joe. **Palestina**. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2000.
- BARROS, Diego Espiña. Joe Sacco: «Yo entiendo el periodismo como el primer escalón de la historia». [Entrevista]. **Jot Down Cultural Magazine**. Espanha, 2014.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas; v.1), p. 222-232.
- BRASIL DE FATO. “Grande mídia” não é nome, é confete [Editorial]. **Brasil de Fato**, São Paulo, 13 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/13/grande-midia-nao-e-nome-e-confete>. Acesso em: 07 abr. 2021.

CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Angra/Achiamé, 1982.

_____. **A escrita dos quadrinhos**. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

DEVITO, Fábio. **Jornalismo em quadrinhos**: subvertendo a objetividade com arte sequencial. *E-book* Kindle, 2020.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. **Jornalismo em quadrinhos**: a linguagem jornalística como suporte para reportagem na obra de Joe Sacco e outros autores. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.

_____. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

NEGRI, Ana Camilla. Um novo gênero jornalístico: a reportagem em quadrinhos de Joe Sacco. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 24., 2003, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva. **Joe Sacco**: jornalismo literário em quadrinhos. Campinas: PUC, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SACCO, Joe. **Palestina**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2000.

_____. **Reportagens**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2016.

SOUZA JÚNIOR, Juscelino Neco de. **Imagem, narrativa e discurso da reportagem em quadrinhos de Joe Sacco**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e representação. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

VIANA, Nildo. Histórias em quadrinhos e métodos de análise. **Revista Temporis [ação]**, v. 16, n. 2, 2016, p. 40-60.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 8.ed. Lisboa: Presença, 2003.